



PRIMEIRO
MINISTRO

**ORATIO SAPIENTIAE DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO**

**POR OCASIÃO DA CERIMÓNIA DA SEXTA GRADUAÇÃO DO
INSTITUTO SÃO JOÃO DE BRITO (ISJB)**

“IR AONDE HOVER MAIORES NECESSIDADES”

Faculdade de Educação
Instituto Superior São João de Brito
Salão Multiusos, Colégio Santo Inácio de Loyola
17 de janeiro de 2025

Magnífico Reitor, Pe. Isaías Abílio Caldas
Excelências Vice-Reitores, Senado e Membros da Faculdade

Reverendos Padres e Senhores Professores
Caros Graduandos e Estudantes,

Senhoras e Senhores,

Em primeiro lugar quero congratular os “Los-Viajantes” (finalistas) pelo percurso percorrido até este momento.

Acredito que foi árduo e trabalhoso e, no entanto, foi o percurso necessário para agora cumprirem o vosso destino de servir a nação, através do vosso dom, o qual é tão especial: educar!

Que esta próxima jornada que estão prestes a iniciar: profissional, pessoal e, até mesmo, como o “peregrino” Santo Inácio de Loyola, espiritual; seja percorrida com coragem, ética, mas também com paixão!

Nada é mais gratificante do que uma vida com um propósito, alinhando os vossos valores às vossas ações. Nada é mais compensador do que continuar sempre a aprender, a explorar e a contribuir para a transformação do mundo.

Espero, com grande expectativa, que os graduandos de hoje, sejam os líderes de amanhã e que formem os líderes das próximas gerações, com os valores “do bem” enraizados nos vossos corações e nas vossas palavras.

Vocês serão não só educadores, mas também fonte de inspiração. O vosso talento e conhecimentos adquiridos poderão ter um impacto ímpar nos jovens e comunidades que irão servir. Sejam, por isso, o contributo exemplar de que Timor-Leste precisa, neste nosso processo de construção do Estado e da nação.

Não posso, também, deixar de reconhecer o Instituto São João de Brito e toda a sua comunidade académica, pela dedicação, valores morais e conhecimentos científicos e técnicos, com qualidade e rigor, que transmitem aos jovens estudantes, tão essenciais ao progresso do nosso país.

A educação é uma missão. É servir, dando o que se sabe e contribuindo para o saber, ou seja, para pensar. Desenvolver a capacidade crítica da nossa sociedade, fundamentada em valores de responsabilidade e integridade, é construir a liberdade pela qual o nosso país tanto lutou.

Eu, que não tive a bem-aventurança de passar por uma universidade, vejo com alguma tristeza que a sociedade timorense deixou de pensar e refletir sobre as coisas. Decora e debita... ouve e repete... ou, não ouve, e reclama...

Fala-se muito atualmente do acesso à tecnologia e das competências digitais, mas gostaria de salientar, sobretudo para os mais jovens, que recitar e copiar o Google e o ChatGPT, não é exercer a capacidade crítica necessária à construção do nosso país.

Usar a tecnologia para melhorar a eficiência dos estudos e serviços é uma dádiva dos tempos modernos, mas deixar que pensem e trabalhem por nós é apenas um engodo para os desafios que se apresentam diariamente nas nossas vidas pessoais e profissionais.

Pensar é fundamental para combater a desinformação e as falsas crenças, é essencial para a resolução de problemas e tomada de decisões, e para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Numa palavra, pensar significa crescer. E não podemos querer que o nosso país e a nossa democracia cresçam de uma forma saudável, se os nossos estudantes, profissionais e futuros líderes, não tiverem aptidões críticas.

Por isso sublinho que sem capacidade crítica, e independente, não é possível construir o país que sonhámos, com os sacrifícios que todos ainda se lembram.

O ano passado celebrámos os 25 anos da Consulta Popular que levou à nossa independência nacional, não podemos (AINDA NÃO) esquecer os esforços e sacrifícios do nosso povo pela soberania nacional.

Grande parte deste sonho de independência estava orientado para as nossas crianças e jovens, para que estes pudessem crescer com capacidades para se desenvolverem a si mesmos, e com ferramentas para conduzirem e liderarem o país para a consolidação democrática e crescimento económico sustentável.

Por esta razão, cada cerimónia de graduação realizada no nosso jovem país, é uma vitória a ser celebrada. É uma bênção, é uma esperança... esperança de um futuro melhor.

A educação, formação ou capacitação dos recursos humanos timorenses são fatores indispensáveis para o desenvolvimento sustentável do país.

Senhoras e Senhores
Caros finalistas,

Os séculos de colonização e décadas de ocupação deixaram marcas irreversíveis que impactam ainda hoje o desenvolvimento dos nossos recursos humanos. Há apenas 23 anos, estávamos a erguer todas as instituições públicas e privadas do país, incluindo naturalmente as instituições de ensino e de formação.

Há questões linguísticas e culturais associadas à nossa história que não facilitam o ensino e a aprendizagem de base e a própria capacitação profissional ao longo da vida. Aliás, somos ainda muito dependentes da

assistência técnica de profissionais especializados de países parceiros, com diferentes *backgrounds* linguísticos, culturais e institucionais.

E se isto pode ser encarado como uma barreira, também pode ser observado como uma oportunidade. A capacidade de adaptação, a experiência de aprendizagem e de trabalho em contexto multicultural e a elasticidade linguística são uma vantagem competitiva no mercado de trabalho nacional e internacional. Estas são competências que devem explorar e que devem transmitir a todos os que vão ensinar.

Por outro lado, o Governo está consciente de que tem de trabalhar ainda mais no sentido de melhorar o sistema educacional do país, de base até ao ensino superior, para melhorar não só a qualidade do ensino, mas também o acesso generalizado ao mesmo. E isto só se consegue através de uma ação holística e transversal a todos os setores de governação.

Nenhum setor pode desenvolver-se cabalmente, sem um desenvolvimento integrado de todos os setores de governação.

Qualquer política de educação, por melhor que seja, falhará se não existir um investimento sólido na área da saúde, já que crianças e jovens doentes e com fome não conseguem frequentar as instituições de ensino ou, ao frequentarem, o rendimento será menor.

Qualquer política de educação, por melhor que seja, falhará se não existir um forte investimento em infraestruturas básicas, já que sem estradas, eletricidade e comunicações que aproximem as comunidades das instituições de ensino, não só não há acesso à educação, como não há condições efetivas e produtivas para os necessários rendimentos de ensino e aprendizagem.

Por outro lado, a instabilidade política e económica, as incertezas e a falta de consensos e de vontade da liderança política em trabalhar para o bem comum, não permitem implementar políticas públicas com eficiência. A própria corrupção e os focos de tensão, ou mesmo a violência e conflito,

levam a que não só a energia, mas os recursos financeiros sejam desviados para ações urgentes, mas não produtivas e sustentáveis a longo-prazo.

Todos sabemos que dedicar essa energia e recursos à melhoria dos sistemas de educação terá um efeito muito mais favorável ao desenvolvimento coletivo e, no entanto, sem paz e estabilidade não há condições para o desenvolvimento.

Falamos, portanto, de um conjunto de processos, com vários intervenientes, que procuram identificar problemas e oferecer soluções que defendam os direitos da sociedade, analisando constantemente as circunstâncias atuais a esses processos. Num Estado de Direito como o nosso, esses direitos e garantias estão na nossa Lei fundamental: a Constituição da República de Timor-Leste.

Um outro aspeto que considero fundamental, já que falamos em direitos e garantias, prende-se com as questões da desigualdade e da discriminação política, social ou individual. Limitar o acesso abrangente e ilimitado às políticas públicas e aos serviços, por estes estabelecidos, é limitar os direitos fundamentais da nossa sociedade – onde todos somos igualmente capazes de contribuir para o desenvolvimento do país.

Só quando concedemos a oportunidade a todos, podemos combater as desigualdades do todo.

Caros finalistas,

Num país em desenvolvimento como Timor-Leste, com tantas necessidades e com recursos financeiros limitados, todas as políticas e estratégias têm de ser meticulosamente consideradas e equilibradas. Cada investimento, inclusivamente na vossa educação, exige recursos que podem estar a fazer falta noutro setor para sairmos mais rapidamente da pobreza e precariedade.

Por isso, hoje, é humildade e responsabilidade que vos peço. Sirvam o próximo, respeitem as pessoas e contribuam para criar harmonia e cooperação nas vossas relações com outros jovens, e também com os mais velhos, com as vossas famílias e com as vossas comunidades.

Sejam verdadeiros agentes de estabilidade e cultivem a paz.

A paz não é apenas ausência de conflitos – a paz é também a situação de harmonia que uma comunidade ou uma sociedade alimenta nas suas relações do quotidiano. É empatia e é “ir aonde houver maiores necessidades”, chegando mais “rápido” aos que estão “mais longe”.

Não podemos ambicionar construir uma sociedade resiliente e próspera, sem esforço intelectual e técnico, sem inovação e criatividade, mas, ainda, sem empatia e bondade.

Que os valores católicos e jesuítas que adquiriram nesta Instituição, aliados às qualificações superiores, possam enriquecer a sociedade timorense com bondade e com saber.

Muitos parabéns e muito sucesso para o vosso futuro!

Obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão